

## **CORPO E MANEIRAS DE BEBER: O CONHECIMENTO MÉDICO SOBRE BEBIDAS ALCOÓLICAS NA “REVISTA VEJA”<sup>1</sup>.**

**Eduardo Zanella<sup>2</sup>**

### **Resumo.**

O presente trabalho trata de concepções médicas acerca do consumo de bebidas alcoólicas. Por meio da análise de três reportagens da Revista Veja sobre esta temática, busca-se uma compreensão de como se estabelecem prescrições e proscricções relativas ao uso do álcool. A partir de ilustrações das reportagens em questão, referentes aos efeitos do álcool no organismo, a análise centrou-se nos modos como o corpo humano é relacionado às maneiras de beber propostas nestas reportagens. Conclui-se que o corpo humano é uma categoria central na produção discursiva analisada sobre modos adequados e inadequados de beber. A proposição de regras relativas ao consumo alcoólico se realiza via a mobilização dos conhecimentos médico-científicos produzidos sobre o corpo. Assim, o que está em questão é uma concepção de corpo biológico, passivo dos investimentos objetivos da ciência ocidental sobre sua natureza. Ao final do texto, são elaboradas algumas propostas de onde este estudo poderia continuar.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre a Sócio-antropologia do Uso de Psicoativos (2ª ENSSAUP).

<sup>2</sup> Estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **Introdução.**

O trabalho aqui apresentado parte da experiência de uma pesquisa anterior, que refere meu trabalho de conclusão de curso. Naquele estudo, realizado no ano de 2010 com a finalidade de obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, empreendi uma pesquisa sobre consumo de bebidas alcoólicas e camadas populares. Por meio de uma etnografia levada a cabo em um bar popular, busquei compreender como os freqüentadores daquele estabelecimento construía regras relativas ao consumo de bebidas alcoólicas, bem como as noções positivas e negativas de beber derivadas destas prescrições e proscricões relativas ao uso do álcool. Considerarei que as maneiras de beber ali construídas não pautavam-se em conhecimentos oriundos de uma tradição médica, no sentido que estes não constituía um valor sobre o qual diferenciava-se o “beber bem” do “beber mal”. Nesse sentido, aquele estudo dirigiu-se fundamentalmente para a descrição dos domínios nos quais meus interlocutores fundavam suas maneiras de beber (Zanella, 2011a; Zanella, 2011b).

Esta trajetória produziu em mim a motivação para engajar em uma pesquisa centrada nos conhecimentos médicos sobre bebidas alcoólicas, tema geral deste estudo. Este trabalho, então, incide nas concepções biomédicas acerca do consumo de bebidas alcoólicas. O campo etnográfico selecionado para estudo consiste em três reportagens da “Revista Veja”. Através de uma análise destas reportagens, objetiva-se chegar a algumas considerações acerca dos modos com que a medicina estabelece noções positivas e negativas de beber.

As três reportagens aqui tomadas para análise consistem nas publicações mais recentes da temática “bebidas alcoólicas” no domínio da Revista Veja, todas elas pautadas por uma perspectiva médico-científica. São elas: “A Boia da Prevenção” (Setembro, 2009); “Um Brinde à Vida Longa” (Outubro, 2010); e “Inimigo íntimo” (Setembro, 2006). A preferência pela “Revista Veja” responde ao entendimento no qual esta revista é representativa dos discursos médicos contemporâneos sobre os usos e abusos do álcool.

## **Situando o problema.**

Partindo da noção de “maneiras de beber” (Neves, 2003:79), definida como “construções sociais orientadas por atitudes e crenças, que definem prescrições e proscricões”, este trabalho busca elaborar uma compreensão de como, no referido material etnográfico, são conformadas regras relativas ao consumo de bebidas alcoólicas.

Entretanto, este estudo não segue a linha mais geral das etnografias sobre bebidas alcoólicas pautadas na noção de “maneiras de beber”, bastante informadas pela perspectiva elaborada por Mary Douglas (1987). Esta autora, ao defender o consumo de bebidas alcoólicas enquanto prática social, enfoca sua importância para constituição de vínculos sociais. Abre-se assim um leque de possibilidades para a descrição dos modos de vida que se tornam possíveis a partir da construção de determinadas regras para o consumo alcoólico. Deste modo, estes trabalhos tratam de pensar as relações entre os significados atribuídos às bebidas alcoólicas, e o contexto maior onde ocorre seu consumo.

Esta perspectiva também pode ser pensada para pesquisas que tratam de grupos antialcoólicos de ajuda mútua (Fainzang, 2007; Garcia, 2004). Nestes casos, o que está em questão é justamente perceber a abstinência enquanto uma modalidade possível de “maneiras de beber”, a fim de descrever os estilos de vida e as sociabilidades decorrentes da construção de uma identidade alcoólatra.

O presente estudo escapa a estas possibilidades analíticas em função das contingências do campo etnográfico selecionado para estudo. Nas reportagens da “Revista Veja” há a proposição de permissões e proibições relativas ao consumo de bebidas alcoólicas, mas não há a realização de sua prática em um contexto social, nem um estilo de vida coerente resultante destas regras. Neste sentido, o material aqui tomado para análise define-se melhor enquanto uma “produção discursiva” (Foucault, 2007) acerca de maneiras adequadas e inadequadas de beber.

Tomar as reportagens aqui analisadas enquanto discurso, significa tratá-las não como um “conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2007:55). Neste sentido, a presente análise pode ser entendida como um esforço de compreensão acerca dos modos como são discursivamente engendradas noções positivas e negativas de beber. Portanto, em vez de atribuir ao consumo alcoólico a condição de prática social, trata-se de pensar enquanto tal os discursos médico-científicos sobre as bebidas alcoólicas.

Contudo, também não se trata de procurar nas reportagens em questão regularidades no nível das noções positivas e negativas de beber. Ou melhor, não se trata de procurar uma unidade acerca do conteúdo das prescrições e proscições em jogo referentes ao consumo alcoólico. Isto porque o material aqui tomado para análise não apresenta regularidades deste tipo. As reportagens selecionadas falam sobre as bebidas alcoólicas em diferentes tons, a partir de diferentes preocupações, e, portanto, não propõem concepções coerentes entre si

acerca do que é beber bem ou beber mal. Uma breve “sinopse” das reportagens aqui em questão ilustra este fato, e já serve como uma introdução ao campo etnográfico deste estudo.

A reportagem “A bóia da prevenção” (2009) anuncia uma nova abordagem da medicina no tratamento ao alcoolismo. A novidade refere a intervenção médica não mais no indivíduo alcoólatra, mas sim nos “bebedores de risco” (aqueles que não desenvolveram dependência do álcool, mas que estariam a caminho). Deste modo, a preocupação principal desta reportagem diz respeito à proposição de mudanças nas atitudes relativas ao consumo alcoólico no nível dos bebedores de risco. A reportagem “Um brinde a vida longa” (2010) noticia uma “descoberta” da medicina acerca das bebidas alcoólicas: seus benefícios para o corpo humano e, mais especificamente, sua capacidade de prolongar a vida. Nesse sentido, a preocupação principal desta reportagem situa-se no nível da reflexão acerca de que tipo de consumo alcoólico promoveria este tipo de benefício. Já a reportagem “Inimigo íntimo” (2006) divulga outra “descoberta” da ciência: os efeitos nocivos do álcool no cérebro de jovens e adolescentes, tais como memória e aprendizado. Neste sentido, a principal preocupação desta reportagem incide em divulgar um alerta a fim de que se interrompa o consumo alcoólico entre menores de idade.

Apesar das temáticas específicas destas reportagens serem diferenciadas, é perceptível e significativo que todas elas elaboram algum tipo de distinção entre o que é beber bem e o que é beber mal. Deste modo, o movimento analítico aqui empreendido não almeja atingir uma conexão de sentido entre as normas estabelecidas nas reportagens (como, por exemplo, afirmar que todas asseguram que beber em casa é um comportamento inadequado), mas sim pensar em *como* são construídas estas prescrições e proscições. Ou seja, trata-se de pensar a partir de que premissas as múltiplas e variadas normas são propostas.

## **O corpo humano**

Um elemento comum, e bastante peculiar, ao material analisado refere a presença de figuras do corpo humano, dispostas pelas páginas das reportagens como ilustrações. Estas imagens são semelhantes entre si. Tratam-se de corpos translúcidos e nus, cujo interior transparente e exposto permite a visualização, por parte do leitor, de seus órgãos, ossos e veias. Todas as reportagens aqui analisadas possuem uma dessas imagens ao longo de seu conteúdo. Apesar de suas diferenças específicas, estas figuras possuem a mesma função em

todas as reportagens: informar e ilustrar as partes do corpo humano que são afetadas pelo álcool<sup>3</sup>.

Assim, na reportagem “A boia da prevenção” (2009), em um quadro chamado “Alcoolismo: entre as mulheres é pior”, é possível visualizar o corpo de uma mulher sentada, com sua mão esquerda apoiando a cabeça. Nesta imagem, seu coração, fígado e cérebro estão coloridos de vermelho, a fim de indicar os efeitos negativos que o uso do álcool produz a estes órgãos. Todas as informações do quadro dirigem-se para mostrar as fragilidades do corpo da mulher, em comparação com o corpo do homem, perante as bebidas alcoólicas. Na reportagem “Um brinde à vida longa” (2010) há a imagem de um corpo masculino, onde também aparece destacado em vermelho seu cérebro, coração e fígado<sup>4</sup>. Por fim, a reportagem “Inimigo íntimo” (2006) mostra a figura do corpo de um jovem azul, do sexo masculino, onde estão destacados na cor vermelha o cérebro, o fígado e o sistema endócrino. O quadro se intitula “Os estragos no organismo”.

Apesar das diferenças específicas de temática das reportagens em questão, a presença destas imagens, bem como as similaridades de suas funções no conteúdo de suas respectivas reportagens (ilustrar os efeitos do álcool no corpo humano), evidenciam a centralidade do corpo humano nos conhecimentos médicos sobre as bebidas alcoólicas veiculados na “Revista Veja”. Deste modo, tomo esta centralidade do corpo para desenvolver o problema de pesquisa aqui proposto: como neste campo são formadas noções positivas e negativas de beber. Trata-se de perceber, ao longo do conteúdo das reportagens em questão, as relações que são estabelecidas entre corpo e maneiras de beber. Para tal, a atenção dirige-se para os modos com que o corpo associa-se às permissões e proibições relativas ao consumo alcoólico propostas nas reportagens. Deste modo, a descrição abaixo consiste em um exercício de interpretação de reportagens da “Revista Veja”, enfocando a posição do corpo em jogo nas concepções biomédicas sobre o consumo de álcool. Tratarei de uma reportagem por vez.

### **O corpo e as maneiras de beber.**

Reportagem “A boia da prevenção” (2009).

A reportagem “A boia da prevenção” inicia pelo anúncio de uma inovação relativa ao tratamento do alcoolismo no campo médico. Trata-se da noção na qual esta doença não se manifesta no indivíduo de modo abrupto, mas sim que se desenvolve de acordo com uma

---

<sup>3</sup> As referidas imagens se encontram disponível para visualização em anexo.

<sup>4</sup> É interessante notar que, apesar de esta imagem mostrar um corpo masculino, os “malefícios do excesso de álcool” (nome do quadro) não são referentes especificamente ao homem; o contrário da imagem descrita anteriormente, onde o corpo feminino marcava a especificidade da mulher.

progressão contínua. Deste modo, os “bebedores de risco” (uma categoria clínica referente aos indivíduos que estão prestes a se tornarem alcoólatras, mas ainda não o são) passam a ser o foco das atenções dos médicos na prevenção ao alcoolismo.

É a partir da noção de vício, ou dependência, que o corpo entra no conteúdo da reportagem. O trecho abaixo trata da inovação ao tratamento do alcoolismo fornecido pela categoria “bebedores de risco”. Esta inovação consiste na intervenção sobre o bebedor problemático antes que este desenvolva uma *dependência física*. De acordo com a reportagem, é este movimento que permite tratar do consumo inadequado de bebidas alcoólicas sem recorrer à abstinência.

Até a década passada, os especialistas preocupavam-se, sobretudo, com as pessoas já na fase da dependência, quando a luta contra o álcool é muito mais difícil de ser vencida e a abstinência total e permanente é a única chance de controle da doença. Para os bebedores de risco, porém, a abstinência não é necessariamente o objetivo a ser alcançado. Isso porque eles ainda não desenvolveram dependência física do álcool. [...] Os estudos mais recentes sobre os efeitos do álcool no organismo mostram que muitos desses homens e mulheres [os bebedores de risco] podem continuar desfrutando o que julgam ser os efeitos benéficos da bebida sem enveredar sem volta pelo caminho do alcoolismo. (Lopes; Magalhães, 2009:86)

O alcoolismo é concebido como um “caminho sem volta”, expressão que refere a impossibilidade do alcoólatra de regressar ao consumo de bebidas alcoólicas. É a dimensão corporal da dependência alcoólica, seu fundamento físico, que constitui a possibilidade única da abstinência como modalidade de tratamento do alcoólatra. Na sequência, a reportagem aprofunda esta ideia, afirmando o vício como um fenômeno cujos mecanismos de funcionamento se localizam no cérebro humano, mais especificamente na interação de neurotransmissores. Novamente é feita a distinção entre “alcoólatras” e “bebedores de risco”

Aos alcoólatras recuperados, o primeiro gole é terminantemente proibido. Isso não vale, porém, para os bebedores de risco, porque eles ainda não caíram nas engrenagens cerebrais inescapáveis que produzem o vício. A principal ação do álcool no cérebro concentra-se em dois neurotransmissores – a dopamina e o GABA. Responsável pela sensação de prazer, a dopamina vai às alturas na presença de álcool. O GABA, por sua vez, um tranqüilizante produzido no cérebro, tem seus níveis reduzidos pela bebida. Com a dopamina no alto e o GABA em baixa, o registro na memória da satisfação proporcionada pelo álcool é muito intenso, o que faz com que o cérebro queira repeti-la. Está aberto o alçapão para o vício. (Lopes; Magalhães, 2009:88).

O alçapão para o vício, imagem que remete a uma espécie de “armadilha” sem volta do prazer, refere um fenômeno produzido no nível de “engrenagens cerebrais”. A intervenção médica nos “bebedores de risco” consiste justamente em alertar estes indivíduos acerca de

seus comportamentos de risco sobre as bebidas alcoólicas, afim de que não estes não caiam no inescapável do vício. As medidas propostas para estes indivíduos são condensadas no seguinte parágrafo, em forma de tópicos, tal como proposta pelos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos:

- Estipular uma meta máxima de doses por dia – o ideal é que ela não extrapole uma dose para as mulheres e duas para os homens.
- Evitar beber m casa ou sozinho
- Dar uma hora de intervalo entre uma dose e outra de bebida alcoólica e, enquanto isso, tomar refrigerante, água ou suco. (Lopes; Magalhães, 2009:88).

Na mesma reportagem, também há referência às diferenças entre os “perigos” do álcool para homens e mulheres.

Os efeitos da bebida são mais devastadores para o sexo feminino do que para o masculino. As doenças decorrentes do alcoolismo matam proporcionalmente duas vezes mais mulheres do que homens alcoólatras. Entre elas, os estragos à saúde provocados pelo vício da bebida costumam aparecer dez anos antes do que entre eles (Lopes; Magalhães, 2009:93).

Estas diferenças fundamentam-se justamente nas diferenças entre o corpo e da mulher e o corpo do homem:

Por uma determinação genética, o organismo das mulheres secreta menos ADH do que o dos homens. Como resultado disso, com a mesma dose de bebida, a quantidade de álcool na corrente sanguínea delas é sempre maior do que na deles. Aumenta a fragilidade da mulher à bebida o fato de os tecidos do corpo feminino serem formados com menos água (-20%) e mais gordura (+11%) do que os do organismo masculino. Essa combinação é uma armadilha para a mulher. Com menor concentração de água, o álcool dilui-se menos e, com mais gordura, ele se mantém por mais tempo no organismo delas (Lopes; Magalhães, 2009:93).

Deste modo, sendo o corpo feminino mais frágil ao consumo de bebidas alcoólicas que o corpo masculino, as mulheres devem beber menos que os homens.

(Lopes; Magalhães, 2009:88).

Na reportagem “A boia da prevenção”, os mecanismos cerebrais do vício e as diferenças entre os corpos masculinos e femininos são referidos, respectivamente, a fim de mobilizar os “bebedores de risco” antes que estes desenvolvam dependência física, e alertar para a maior fragilidade das mulheres para o consumo de bebidas alcoólicas. A proposição de mudanças, tanto no tratamento convencional ao alcoolismo quanto nas maneiras de beber das mulheres, dá-se por meio dos conhecimentos médicos acerca dos efeitos do álcool no organismo humano.

## Reportagem “Um brinde à vida longa” (2010)

A reportagem “Um brinde à vida longa” parte de uma “controvérsia científica”: a persistência de estudos que afirmam que o consumo bebidas alcoólicas torna a vida mais longa, frente a outros estudos que comprovam os “efeitos devastadores” (Romanini, 2010:87) deste hábito para o organismo. Esta controvérsia é alimentada em função da publicação dos resultados de uma nova pesquisa, que afirma de forma “contundente” (Romanini, 2010:87) que os abstêmios vivem menos do que aqueles que *bebem moderadamente*<sup>5</sup>. De acordo com a reportagem, a informação de que o álcool pode vir a trazer benefícios para a vida das pessoas é uma informação surpreendente do ponto de vista científico, que sempre havia partido do pressuposto contrário. Como afirma a frase de um especialista citada no texto da reportagem: “é perturbador pensar que o álcool faz bem” (Romanini, 2010:90).

Na sequência, a reportagem afirma que apesar de ser possível ao consumo de bebidas alcoólicas agir como fator promotivo no prolongamento da vida, a ciência ainda não sabe em que condições este fenômeno ocorre (quais outros fatores podem estar envolvidos), bem como os modos como acontece (quais componentes químicos do álcool operam, e em quais órgãos). Na medida em não se sabe como o álcool prolonga a vida, está aberto o campo para a discussão acerca do que, de fato, constitui o consumo adequado de bebidas alcoólicas.

A reportagem afirma que beber moderadamente, no sentido que diz respeito a alguma quantidade específica de álcool ingerida (ver nota 4), não serve como critério para qualificar determinado consumo alcoólico como positivo. Isso porque é possível beber moderadamente e incorrer em perigo: “Mesmo um bebedor moderado põe sua vida em risco se insistir em dirigir depois de duas doses de uísque” (Romanini, 2010:92). Nesse sentido, o que permite a distinção do adequado para o inadequado, no que concerne aos usos do álcool, diz menos respeito ao número de copos entornados, do que ao “bom senso”: “A única forma de dosar a quantidade de bebida alcoólica é o bom senso” (Romanini, 2010:92).

Ou seja, não é possível afirmar que é a quantidade de álcool consumida o fundamento da qualidade positiva de sua prática. Na sequência da reportagem, então, afirma-se que os efeitos benéficos das bebidas alcoólicas no corpo humano derivam, na realidade, do modo como se bebe. Como descrito abaixo, na fala de um especialista transcrita no texto da reportagem:

---

<sup>5</sup> A pesquisa chegou aos seguintes resultados: dentro do universo de análise (população de 1800 pessoas) a taxa de mortalidade entre abstêmios foi de 69%; de bebedores pesados (consumo de 42 gramas de álcool por dia) 60%; bebedores leves (consumo de menos de 14 gramas de álcool por dia) 46%; bebedores moderados (consumo entre 14 e 42 gramas de álcool por dia) 41%.(Romanini, 2010)

Não acredito nos efeitos benéficos [das bebidas alcoólicas] se a pessoa ingerir sua dose diária de bebida alcoólica sozinha, em casa. Os bons frutos só podem ser colhidos se a bebida estiver inserida em um contexto de socialização e prazer (Romanini, 2010:92)

Ou seja, o uso positivo de álcool, tomado em sua *qualidade* (e não *quantidade*), é o que gera os efeitos positivos no corpo humano.

A reportagem “Um brinde à vida longa”, então, destaca que vários estudiosos (a reportagem não cita nomes) acreditam que os benefícios das bebidas alcoólicas estão vinculados ao estilo de vida do bebedor. Portanto, é o modo como se bebe (e não seu efeito específico sobre tal ou qual órgão) que faz com que o álcool prolongue a vida. Assim, o objetivo a ser alcançado, a fim de que o consumo de bebidas alcoólicas prolongue a vida, consiste fundamentalmente em consumi-las de certas maneiras, dentre as quais a reportagem dá destaque à sociabilidade:

Vários estudos estão convencidos de que a longevidade proporcionada pela bebida depende mais do estilo de vida do que dos efeitos benéficos do álcool nos órgãos internos. O mais importante para o médico Marcelo Cury é a oportunidade de integrar pessoas em torno de uma garrafa: “tomar uma cerveja com os amigos é um momento de prazer relaxamento”, diz (Romanini, 2010:92).

A reportagem “Um brinde à vida longa” diverge de “A boia da prevenção” no sentido de que a discussão acerca dos modos positivos e negativos de beber é pautada a partir dos efeitos positivos do álcool sobre o organismo. Neste caso, o princípio de maior importância estabelecido pela reportagem para a qualificação positiva do consumo de bebidas alcoólicas, o beber socialmente, tem como objetivo os efeitos benéficos do álcool sobre o corpo humano. É para o prolongamento da vida para onde são dirigidas as maneiras de beber, e é este efeito o que as torna positivas.

Reportagem “Inimigo íntimo” (2006)

Tal como a reportagem “Um brinde à vida longa”, a reportagem “Inimigo Íntimo” anuncia uma descoberta científica acerca dos efeitos do álcool no corpo humano. Contudo, não se trata das implicações positivas decorrentes de seu consumo, mas do fato de que “o consumo de álcool na adolescência e na juventude deixa marcas indeléveis no cérebro” (Soares, 2006:96). De acordo com a matéria:

Beber é muito mais danoso para o cérebro jovem do que para o dos adultos. Os efeitos a longo prazo são bastante indesejáveis. Eles variam de déficits de aprendizagem, falhas permanentes de memória, dificuldade de autocontrole a ausência de motivação. Além disso, o abuso de álcool na juventude faz com

que o jovem fique cinco vezes mais propenso a se tornar alcoólatra na idade adulta (Soares, 2006:96-97).

Mais especificamente, o consumo de bebidas alcoólicas na juventude gera danos de longa duração na região cerebral do hipocampo. Trata-se de uma estrutura neuronal que faz parte do sistema límbico, responsável pela localização espacial e pela memória: “A exposição do hipocampo ao álcool em terna idade é uma temeridade que os cientistas sustentam que deve ser e a todo custo” (Soares, 2006:98).

De acordo com a reportagem, devido às descobertas dos efeitos do álcool no cérebro, a prática comum de consumir bebidas alcoólicas na adolescência, concebida pelos familiares como uma transgressão típica dessa fase da vida, adquire “ares de calamidade no meio científico” (Soares, 2006:96). Dois fatores ainda agravariam a situação: a iniciação cada vez mais precoce de jovens brasileiros ao consumo alcoólico (atualmente aos 12 anos e meio, enquanto nos anos 90 seria aos 14 anos de idade – não é citada fonte), e seu caráter cada vez mais exagerado e frequente (a reportagem não cita dados ou fontes).

Entretanto, o fato de jovens beberem cada vez mais cedo, frequente e intenso, não constitui um problema somente em função dos agravos no sistema neurológico decorrentes desta prática. Isso “porque, além dos danos neurológicos a longo prazo, o adolescente fica exposto a riscos mais imediatos, como o envolvimento em acidentes de trânsito, casos de violência sexual, brigas e sexo sem proteção” (Soares, 2006:98).

Deste modo, a reportagem passa a aludir a uma série de problemas derivados do consumo alcoólico entre jovens que pouco se relacionam com os danos cerebrais no hipocampo causado pelo álcool. Assim, a reportagem passa a mencionar práticas de jovens para ludibriar a segurança em festas proibidas à entrada de menores de 18 anos de idade; a inserção das “bebidas ice” no mercado brasileiro; as taxas elevadas de acidentes de trânsito em função de condutores embriagados; a influência dos pais no comportamento dos filhos, etc.

Ao final da reportagem, a relação entre bebidas alcoólicas e o cérebro de adolescentes é retomada. A mensagem final consiste em um apelo por mudança no modo como se estabelece a relação entre juventude e bebidas alcoólicas.

O alerta só vai ganhar contornos de clamor social quando as descobertas da ciência sobre os efeitos do álcool em excesso no cérebro dos mais jovens forem tão propagadas quanto os riscos a que se expõem as gestantes que bebem ou fumam. Isso demora. Até lá a regra de ouro é: menor não toma bebida alcoólica. (Soares, 104).

Neste trecho é explícita a formulação de uma regra social referente ao consumo de bebidas alcoólicas (menor não toma bebida alcoólica) e o papel que os conhecimentos médicos sobre o corpo desempenham em sua elaboração. É a partir das descobertas científicas acerca dos

efeitos do álcool sobre o cérebro de jovens de onde partem os clamores que objetivam modos mais corretos de consumo alcoólico.

### **Considerações Finais.**

As três reportagens selecionadas aqui para análise falam das bebidas alcoólicas de diferentes perspectivas. Na medida em que possuem diferentes preocupações acerca das bebidas alcoólicas, também são diferenciados os modos concebidos como adequados ou inadequados de beber. Nesse sentido, a preocupação com a demarcação de critérios para definição da maneiras de beber é alocada em diferentes níveis nas três reportagens em questão. Em suma, não é possível estabelecer uma unidade entre os conteúdos das prescrições e proscições propostas no material analisado, como a síntese abaixo evidencia.

A “boia da prevenção” trata de uma inovação no tratamento ao alcoolismo, que incide na manutenção do consumo alcoólico em bebedores problemáticos que ainda não desenvolveram dependência física do álcool (os bebedores de risco). Neste sentido, sua preocupação central é a definição dos limites que separam o abuso de bebidas alcoólicas de seu vício. Assim, as mudanças em relação ao hábito de beber propostas para os “bebedores de risco” consistem em reduzir a quantidade e a frequência de consumo alcoólico.

Já a reportagem “Um brinde à vida longa” não trata da temática da dependência química, mas sim da informação que anuncia que abstêmios morrem antes que bebedores moderados. Neste sentido, sua preocupação central é o que constitui o “beber moderado” e, portanto, suas diferenças para com o “beber abusivo”. Assim, a sociabilidade é destacada como principal fator de uma maneira positiva de beber, e que contribuiria para o prolongamento da vida.

Por fim, a reportagem “Inimigo íntimo” trata de outra descoberta científica relativa às bebidas alcoólicas, que refere seus efeitos novíços no cérebro de jovens. Esta reportagem não se preocupa em definir limites, sejam eles entre abuso e vício ou beber moderado e abusivo. Isto justamente porque a maneira de beber proposta consiste em uma negação completa do consumo de bebidas alcoólicas aos menores de idade.

Entretanto, todas as regras enunciadas, para além das diferenças, encontram uma mesma justificativa e mobilizam uma mesma entidade: o corpo humano. Em todas as reportagens a discussão central, seja novos tratamentos ao alcoolismo, benefícios do álcool, ou seus efeitos negativos quando consumido por jovens, gira em torno do corpo humano e é por ele motivada. Os efeitos do álcool no organismo, sejam eles positivos ou negativos, são referidos em todas as reportagens, de modo que o corpo assume uma posição central na

proposição de diferentes permissões e proibições relativas ao consumo alcoólico. Mais especificamente, o corpo humano é mobilizado para a construção das maneiras de beber.

Quer sejam considerados neurotransmissores que produzem o vício, diferenças nas secreções de água entre corpos masculinos e femininos (“A boia da prevenção”); os efeitos do álcool no prolongamento da vida (Um brinde à vida longa); ou seus efeitos devastadores sobre o hipocampo cerebral de jovens (Inimigo íntimo); tratam-se estes de conhecimentos médico-científicos produzidos sobre o corpo, a partir dos quais se devem formular melhores maneiras de beber. Nas reportagens selecionadas, o corpo humano consiste em uma fonte para investigação objetiva, cujos resultados servem como matéria-prima para a distinção de modos adequados e inadequados de beber.

É a esta concepção de corpo que referem as imagens que ilustram as reportagens em questão. Estes corpos produzem a veracidade dos conhecimentos que lhes são imputados. Suas transparências e a visibilidade que permitem de seus interiores, referenciam a universalidade da natureza da qual são parte constituinte, e deste modo legitimam os modos corretos e incorretos de ingerir bebidas alcoólicas veiculados nas reportagens analisadas.

Estes corpos exploram o comprometimento da ciência ocidental com a oposição fundamental entre espírito e matéria, mente e corpo, real e irreal (Scheper-Huges; Lock. 1987). O corpo humano, dimensionado ao campo da matéria, do real e do objetivo, fornece a via de acesso para o investimento médico científico sobre as bebidas alcoólicas. O corpo é a dimensão básica a partir da qual é possível a construção de *outras coisas*: no caso desta análise, distinções diversas entre certo e errado para o consumo de bebidas alcoólicas. Neste sentido, as imagens dos corpos referidas também constituem a representação visual da autoridade e da legitimidade da medicina na elaboração de estilos de vida contemporâneos.

### **Questões futuras.**

Este estudo revelou dois focos de atenção dos discursos médico-científicos sobre as bebidas alcoólicas em um contexto etnográfico específico.

O primeiro incide na importância do corpo humano na produção discursiva de modos adequados e inadequados de beber. É do corpo humano, referenciado via um nível muito específico de investigação objetiva, de onde são delineadas determinadas regras para o consumo alcoólico.

O segundo incide no esforço destes discursos em precisar, delimitar e definir normas relativas ao consumo de bebidas alcoólicas, e de maneira subjacente a estas regras, modos positivos e negativos desta prática.

Penso que estas características constituem particularidades no modo de pensar as bebidas alcoólicas, e que merecem atenção analítica para o prosseguimento da reflexão.

Outra questão pertinente para o prosseguimento deste estudo, negligenciada nesta apresentação, diz respeito ao tema da “divulgação” científica em revistas para o grande público. É necessário problematizar a ideia de que os discursos médicos sobre as bebidas alcoólicas se encontram, ou podem ser verificados para a análise antropológica, em suas veiculações midiáticas. Ou seja, esta em questão pensar até que ponto a mídia *espelha* o conhecimento médico-científico tal como este é produzido em suas instâncias disciplinares próprias, e até que ponto a veiculação midiática destes conhecimentos não constitui uma produção outra.

### **Referências:**

DOUGLAS, Mary. A distinctive anthropological perspective. In: (org). *Constructive Drinking. Perspectives on drink from anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FAINZANG, Sylvie. *Curar-se do álcool: antropologia de uma luta contra o alcoolismo*. Niterói: intertexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universtitária, 2007.

GARCIA, Ângela Maria. *E o verbo (re)fez o homem*. Niterói: intertexto, 2004.

LOPES, Adriana D.; MAGALHÃES, Naiara. A Boia da Prevenção. *Veja*, São Paulo, nº 36, set. 2009, pp. 86-93.

NEVES, Delma Pessanha. O Consumo de Bebidas Alcoólicas: Prescrições Sociais. *BIB*. São Paulo: n. 55, p. 73-98, 1º sem. 2003.

SCHEPER-HUGHES, N.; LOCK, M. The Mindful Body: A Prolegomenon to Future Work in Medical Anthropology. *Medical Anthropology Quarterly*. Volume 1, Issue 1, March, Pages: 6–41, 1987.

ROMANINI, Carolina. Um brinde à vida longa. *Veja*, São Paulo, edição 2187, out. 2010

SOARES, Ronaldo. *Inimigo Íntimo*. *Veja*, São Paulo, edição 1985, dez. 2006.

ZANELLA, Eduardo. Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas: A Construção de Maneiras de Beber. In: *Ponto.Urbe (USP)*. São Paulo, volume 9.0. 2011a.

ZANELLA, Eduardo. Não dá para sair do morro: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre. In: *Revista Plural (USP)*. São Paulo. Volume 18.1. 2011b.

## ANEXO

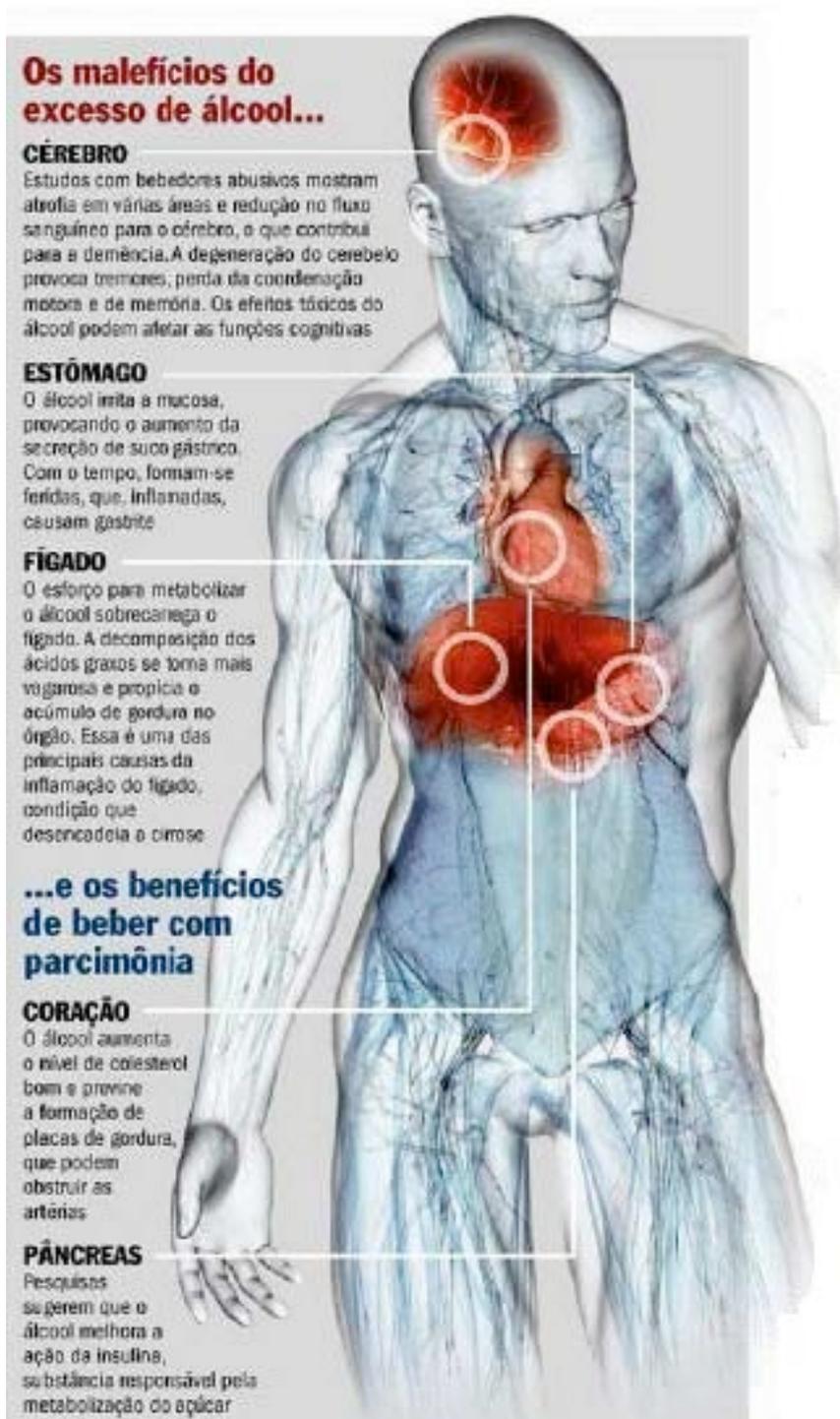


Imagem retirada da reportagem “Um brinde à vida longa” (Romanini, 2010:88)

Fonte: Camila Silveira, do instituto de psiquiatria da USP.

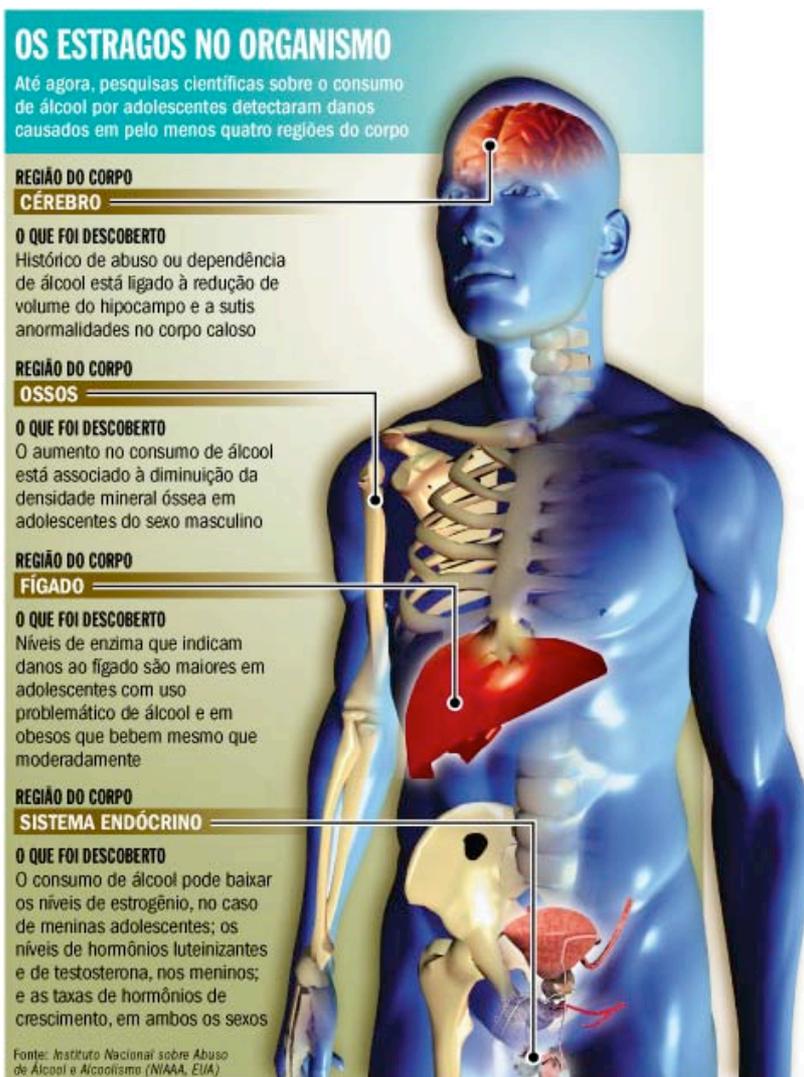


Imagem retirada da reportagem “Inimigo íntimo” (Soares, 2006:101)

Fonte: Instituto Nacional sobre Abuso do Álcool e Alcoolismo (NIAAA – EUA).

## Alcoolismo: entre as mulheres é pior

Homens e mulheres metabolizam o álcool de forma distinta. O organismo feminino não consegue processar a bebida tão eficientemente quanto o masculino. As doenças decorrentes do alcoolismo matam proporcionalmente duas vezes mais mulheres do que homens alcoólatras. Entre elas, os estragos à saúde provocados pelo vício da bebida costumam aparecer dez anos antes do que entre eles

### ■ Distúrbios cardiovasculares

O cálcio é um potente vasoconstritor. O álcool potencializa a ação do mineral na parede das artérias, o que facilita a hipertensão, um dos principais fatores de risco para infartos e derrames

#### Mulheres X Homens

Como os vasos sanguíneos das mulheres são naturalmente mais estreitos do que os dos homens, o risco de hipertensão e insuficiência cardíaca chega a ser **40% maior** entre elas

### ■ Doenças hepáticas

O fígado é, por excelência, o órgão de processamento do álcool e, portanto, o mais prejudicado pelo consumo excessivo de bebida. O vício leva ao acúmulo de gordura no fígado, o que pode desencadear um quadro de hepatite ou cirrose. O fígado só metaboliza uma dose de álcool por hora — o excesso é despejado na corrente sanguínea, intoxicando outros órgãos

#### Mulheres X Homens

Para os mesmos níveis de ingestão de álcool, o risco de cirrose é **3 vezes** maior no sexo feminino do que no masculino

### ■ Câncer

O hábito da bebida pode levar a um quadro de inflamação celular crônica, facilitando o crescimento desordenado das células. A bebida está associada sobretudo aos cânceres de fígado, estômago, intestino, esôfago, pâncreas e mama

#### Mulheres X Homens

Como as mulheres retêm quantidades elevadas de álcool no sangue, o câncer, entre elas, costuma aparecer **5 anos antes** do que entre os homens

### ■ Osteoporose

Mediante a exposição constante e exagerada ao álcool, as células formadoras de ossos perdem o vigor. O esqueleto se enfraquece

#### Mulheres X Homens

Mulheres com menos de 60 anos que tomam de duas a seis doses diárias de álcool têm risco **30% maior** de fratura de colo de fêmur

### ■ Distúrbios neurológicos

Uma das regiões cerebrais mais afetadas pelo álcool é o hipocampo, área responsável pelo processamento e armazenamento da memória

#### Mulheres X Homens

Problemas de memória associados ao vício da bebida são **30% mais comuns** entre as mulheres do que entre os homens

### ■ Transtornos psiquiátricos

O álcool desregula o equilíbrio de dopamina e de serotonina, substâncias cerebrais associadas às sensações de bem-estar e prazer. No início, a bebida provoca um aumento nos níveis de dopamina e serotonina. Com o tempo, porém, o organismo reduz a produção natural de tais compostos, o que favorece as doenças psiquiátricas

#### Mulheres X Homens

A ocorrência de depressão é **30% a 40% maior** entre as mulheres dependentes do álcool do que entre os homens na mesma situação. Anorexia e bulimia estão presentes em **15% a 32%** das pacientes que abusam do álcool

### ■ Envelhecimento precoce da pele

O álcool desidrata o organismo. A água é essencial para manter o vigor das fibras de sustentação e elasticidade da pele, o colágeno e a elastina

#### Mulheres X Homens

No sexo feminino, a probabilidade de aparecimento precoce de rugas decorrente do abuso de álcool é **30% maior** do que no masculino

Fontes: Ronaldo Laranjeira, psiquiatra do Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Drogas; Marcus Malachias, cardiologista do departamento de hipertensão da Sociedade Brasileira de Cardiologia; e Alcohol Use and Abuse, publicação da Universidade de Harvard

Imagem retirada da reportagem “A boia da prevenção” (Lopes; Magalhães, 2009:90).

Fonte: Ronaldo Laranjeira, psiquiatra do Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Drogas; Marcus Malachias, cardiologista do departamento de hipertensão da Sociedade Brasileira de Cardiologia; e Alcohol Use and Abuse, publicação da Universidade de Harvard (2008)